

CAPÍTULO 8. Análise dos dados de Manuel Heleno: povoados e outros.

Ao contrário de outros investigadores da sua época – em que se destaca, pela negativa, o exemplo singular do casal Leisner – Manuel Heleno teve a preocupação de identificar e registar nos seus *Cadernos de Campo*, para além dos monumentos funerários, outros tipos de vestígios, genericamente contemporâneos, nomeadamente povoados, abrigos, santuários, menires e rochas com covinhas.

As descrições que nos deixou destes sítios oscilam entre uma simples anotação, como quando refere, por exemplo, a existência de “uma pedra a pino” (Cd.18 – Volume 2, Anexo 1, p. 128), e referências muito mais pormenorizadas, como no caso de alguns “santuários”, reflectindo naturalmente a importância relativa que o autor atribuía a cada uma destas categorias.

O resumo dessas descrições é apresentado, tal como o das descrições referentes ao megalitismo funerário, em anexo (Volume 2, Anexo 2). Esse anexo contempla, no entanto, vários sítios que Manuel Heleno refere ter visitado, mas que, por serem demasiado excêntricos em relação ao conjunto das antas por ele intervencionadas, foram excluídos desta análise.

Neste grupo incluem-se sítios como o Castelo Velho (Alandroal) ou S. Bento (Évora), entre outros.

8.1. Povoados

Manuel Heleno registou onze sítios de carácter habitacional, ou pelo menos interpretados como tal, sendo que, conforme já foi acima comentado, dois deles parecem demasiado centrífugos em relação à área em que aquele autor estudou os monumentos megalíticos. Dos nove restantes, Manuel Heleno efectuou escavações, mais ou menos extensas, em oito.

A análise das descrições que nos deixou, permite verificar que, excluindo aqueles que se reportam, aparentemente, a épocas posteriores ao fenómeno megalítico, se trata de sítios de diferentes tipologias (e cronologias), que podem, com os escassos dados disponíveis, ser enquadrados nos seguintes grupos:

1. povoados megalíticos abertos. Inclui o Fundo de Cabana de Brissos e o povoado de Santa Cruzinha;

2. povoados de altura, sem muralhas visíveis. Incluem-se neste grupo o Castro do Cavaleiro/Cabeço da Alfavaqueira e as Covas do Bufo.

Excluem-se, desde já, os “povoados”, supostamente constituídos apenas por uma cabana e que, antes da escavação, apresentariam a forma exterior de montículos. Incluem-se, nesta categoria, o Chão de Cabana da Lobeira de Baixo (CO), o Fundo de Cabana da Lobeira de Baixo (DL), o Chão de Cabana da Lobeira de Baixo 2 e o 1º Fundo do Chão de Cabana da Sobreira. De facto, a análise atenta dos materiais depositados no MNA e das descrições de Manuel Heleno, recomendam fortes reticências sobre a efectiva classificação destes sítios como povoados, sendo, a meu ver, preferível considerá-los, ainda que provisoriamente, como monumentos funerários, de alguma forma aparentados com os *tholoi*.

Em última análise, persistem vários problemas, quanto à interpretação destes sítios, primeiro que tudo porque, aparentemente, não foram, até ao momento, escavados, na região, outros habitats similares; na verdade, conhecem-se alguns possíveis paralelos, embora nenhum deles tenha sido objecto de escavações arqueológicas. Destaca-se, de entre estes, o povoado de Claros Montes, por se localizar numa área granítica, com afloramentos mais ou menos destacados e com uma “mamoá” na área central, cuja natureza se pode, eventualmente, equiparar aos “fundos de cabana” referidos por Heleno. Igualmente comparável, no que diz respeito a esse pormenor, é o povoado da Vigária, que, embora seja um povoado de altura, provavelmente fortificado, apresenta também, na área central da área de dispersão de artefactos, uma mamoá destacada, com pedras de média dimensão, consentâneas com a existência dos restos soterrados de uma estrutura muraria (Calado, 2004a).

Na verdade, Manuel Heleno refere que os “fundos de cabana” apresentavam “a forma de um montículo, de declive mais abatido que o das antas, aonde saem pedras misturadas com a terra” (CO, Cd.19 – Volume 2, Anexo 1, p. 132), e a descrição que faz das estruturas registadas e dos materiais recolhidos remete-nos, aparentemente, para contextos domésticos.

No Chão de Cabana da Lobeira de Baixo (CO), Manuel Heleno identificou um nível arqueológico com cinzas, pedras e cerâmicas queimadas, entre dois níveis estéreis. Esta realidade estratigráfica, apesar de ser compatível com um sítio de habitat, não deixa, no entanto de ser igualmente credível num contexto funerário.

Em relação ao chamado Fundo de Cabana da Lobeira de Baixo, refere que não existia uma estratigrafia como no anterior mas que identificou uma grande “cabana” (7,50 m por 5,20 m), com o chão empedrado e com um muro divisório interno. O espólio recolhido foi bastante escasso (7 registos) tendo em conta as dimensões referidas.

No Chão de Cabana da Lobeira de Baixo 2, Manuel Heleno torna a referir a existência de uma grande cabana (diâmetro de 8,5 m) feita por um muro exterior bastante largo (1,75 m) que segundo este investigador, lhe fazia lembrar um moinho (Cd.19 – Volume 2, Anexo 1, p. 133). Neste, Manuel Heleno identifica três níveis arqueológicos, realçando a provável existência de um incêndio que teria provocado o seu colapso e a fragmentação dos materiais. Os artefactos recolhidos apresentavam vestígios de fogo, tal como os ossos (que Manuel Heleno interpretou como sendo de animais, mas que, como adiante veremos, eram restos humanos), que se encontravam queimados.

O 1º Fundo do Chão de Cabana da Sobreira apresentava uma estrutura similar à anterior e igualmente de grandes dimensões – cerca de 8 m raio (*sic*). Esta estrutura diferia das anteriores pelo facto de, segundo Manuel Heleno, apresentar um corredor de 3 m de comprimento, com pedras ao alto ao longo de cerca de 1,60 m. Quanto aos materiais Manuel Heleno refere a existência de um grande número de mós, integradas, aparentemente, na estrutura e com cerâmicas, pesos de tear e machados.

Os materiais deste último não constam, aparentemente, das reservas do MNA; no entanto, como referi, os materiais provenientes da Lobeira de Baixo, e sobretudo do chamado Chão de Cabana da Lobeira de Baixo 2, não parecem corresponder aos conteúdos habituais de contextos habitacionais calcolíticos, embora também exijam alguma prudência na sua classificação como funerários: foram recolhidos 27 instrumentos de pedra polida, a maioria com o gume intacto e alguns de dimensões fora do comum (o maior com 29 cm de comprimento); de entre os restantes materiais destaca-se um conjunto de pesos de tear de tipo placa, inteiros, para além de 2 possíveis suportes de vaso, pontas de seta e fragmentos de taças/pratos de bordos espessados.

Os ossos identificados por Manuel Heleno, correspondem, afinal, a restos humanos, sugerindo, só por si, um contexto funerário. Note-se que a inexistência de *tholoi* nesta área (o do Escoural é, por enquanto o exemplar mais setentrional do Alentejo Central), se pode dever simplesmente a lacunas de investigação: estes monumentos, naturalmente muito discretos, foram, quase todos, descobertos

fortuitamente, nas outras áreas da região. Por outro lado, as sepulturas de tipo tholos têm revelado, como sabemos, uma grande variabilidade.

Quanto aos verdadeiros povoados, as diferenças mais significativas, atendendo aos dados disponíveis, traduzem-se sobretudo, nas distintas estratégias de implantação.

No primeiro grupo, os povoados implantam-se em locais pouco declivosos, em áreas de substrato granítico, com afloramentos mais ou menos destacados; em contrapartida, os outros implantam-se em locais muito mais destacados na paisagem, com substratos metamórficos e com boas condições naturais de defesa.

Os povoados abertos e sem vestígios de fortificação, inseridos no segundo grupo, são, aparentemente semelhantes a muitos outros entretanto identificados no Alentejo Central (Calado, 2001).

Foram todos relocados no âmbito deste trabalho e confirmada a descrição apresentada por M. Heleno. Tanto os materiais de superfície observados no contexto das visitas que efectuei, como a descrição dos que foram recolhidos nas escavações de Manuel Heleno, apontam para contextos do Neolítico final.

No que respeita ao povoado dos Castelinhos de Santa Cruz/Fundo de Cabana do Conventinho e ao do Castro do Cavaleiro, convém referir que as observações que efectuei não são totalmente concordantes com as que Manuel Heleno nos legou, quanto à existência ou não de muralhas. O Castro do Cavaleiro, em que Manuel Heleno não identificou evidências de estruturas defensivas, mas onde, na encosta mais declivosa, são visíveis estruturas arruinadas, que poderão, eventualmente, corresponder a restos de muralhas. Em contrapartida, nos Castelinhos de Santa Cruz ocorre a situação inversa, uma vez que não identifiquei em nenhum local qualquer micro-relevo ou estruturas que pudessem corresponder a uma muralha.

Os materiais recolhidos em todos estes povoados são bastante similares, machados, lâminas, pontas de seta, cerâmicas, pesos de tear, mós e barro de cabanas.

As cerâmicas apresentam formas simples e a decoração é muito pouco frequente, segundo a descrição de M. Heleno. Apenas num caso, o Castro do Cavaleiro, é sugerida a existência de alguma cerâmica “raramente ornamentada” (Cd.11 – Volume 2, Anexo

1, p. 89) e de espessamento dos bordos, referido como “rebordo reentrante” (Cd. 11 – Volume 2, Anexo 1, p. 89). Também não foi anotada a existência de carenas.

Outro indicador que nos remete para contextos do Neolítico final e ou Calcolítico é a presença, sistemática, de pesos de tear em todos os sítios; trata-se de artefactos que, na região, apontam, sem grandes hesitações para contextos do Neolítico final/ Calcolítico (Calado, 2001).

Em relação às colheres deve-se referir que a sua presença em povoados alentejanos é, normalmente, residual registando-se o seu aparecimento em povoados de grandes dimensões e com grande número de materiais (Calado, 2001: 105). Manuel Heleno refere o aparecimento de uma colher e de fragmentos de outras apenas no Castro do Cavaleiro (Cd. 11 – Volume 2, Anexo 1, p. 89), o que se ajusta ao quadro anteriormente apresentado.

A pedra polida (machados) encontra-se também representada em todos estes sítios, em proporção igual ou superior aos restantes materiais recolhidos.

Em relação à pedra lascada, Manuel Heleno refere a existência de três tipos de artefactos: geométricos, lâminas e pontas de seta. Os geométricos aparecem curiosamente apenas no Castro do Cavaleiro. As lâminas surgem em quase todos os sítios mas apenas no Chão de Cabana da Lobeira de Baixo 2 é referido a secção “com secção trapezoidal” (Cd.19 – Volume 2, Anexo 1, p. 133). As pontas de seta não são muito frequentes, sendo mencionadas em apenas dois sítios (Chão de Cabana da Lobeira de Baixo 2 e Fundo de Cabana de Brissos), todas com bases bastante côncavas. A matéria-prima utilizada não é referida.

Os percutores aparecem referidos apenas no Chão de Cabana da Lobeira de Baixo 2, como fazendo parte do montículo exterior e nas Covas do Bufo, neste último sem que tenha sido melhor discriminada a sua proveniência.

Os dados fornecidos por Manuel Heleno são escassos e dificilmente permitiriam avançar interpretações funcionais ou cronológico-culturais. Só atendendo aos dados obtidos noutras zonas do Alentejo Central se pode valorizar a informação disponível

sobre a ocupação pré-histórica desta área, tanto mais que nem em períodos mais recentes se têm vindo a realizar escavações em povoados, nesta área.

Os modelos locacionais e os conjuntos artefactuais são, efectivamente, análogos aos que têm vindo a ser estudados noutros sítios do Alentejo, datados, com maior ou menor precisão, entre o Neolítico final e o Calcolítico final.

Perante a relativa magreza dos dados, pode admitir-se, provisoriamente, que os sítios dos dois primeiros grupos seriam os mais antigos, arrancando, eventualmente, numa fase inicial do Neolítico final; o terceiro grupo, com um provável início no Neolítico final prolongar-se-ia pelo Calcolítico.

8.2. Outros vestígios

De entre os muitos sítios registados por M. Heleno, destacam-se as rochas com covinhas, rochas com gravuras, os santuários e os menires.

Trata-se de evidências que o autor certamente considerava pertinentes para o estudo do megalitismo funerário, e que, em geral, passaram despercebidas ou não foram consideradas em muitos trabalhos mais recentes.

Em relação às covinhas, Manuel Heleno registou ocorrências quer em monumentos quer em rochedos naturais. Se a sua confirmação no terreno resultou relativamente fácil no que respeita aos monumentos megalíticos, dada a existência de descrições locacionais pormenorizadas, o mesmo já não se pode dizer em relação aos afloramentos. De facto, dada a ambiguidade da sua localização “Penedo com covinhas: existe na terra do Falcão, próximo da cumiada que vem para Besteiros e Sul de Falcão” (Cd.18 – Volume 2, Anexo 1, p. 125), as rochas com covinhas acabaram por não ser incluídas neste estudo.

Por outro lado, a sua posição (vertical ou horizontal) e disposição em suportes fixos ou móveis, coloca grandes problemas na interpretação da sua funcionalidade(s), simbologia(s) e cronologia(s). O seu aparecimento na face interior dos esteios das antas e em povoados calcolíticos permite considerar que as covinhas surgiram, pelo menos, durante o Neolítico, tendo perdurado até épocas mais recentes.

Se, a identificação de rochas com covinhas é actualmente bastante frequente, o mesmo não acontece com os painéis onde estas aparecem associadas a outros motivos, nomeadamente os cruciformes. No entanto, Manuel Heleno refere a existência de três

locais com gravuras “B. Gravuras: 1-Arneiros; 2- Batepé; 3-Almoinha” (Cd.15 – Volume 2, Anexo 1, p. 110)

Em relação aos Arneiros, as gravuras referidas são do monólito decorado encontrado no interior da anta. Apesar dos desenhos apresentados a descrição é bastante sucinta “parte superior uma espécie de gotas” (Cd.8 – Volume 2, Anexo 1, p. 58). Este monumento foi destruído não existindo quaisquer vestígios deste monólito decorado.



Fig.8.1.Anta U – Cd.8

As gravuras de Batepé devem reportar-se à Pedra das Chave dos Namorados apesar de Manuel Heleno referir apenas a existência de covinhas.

Para o Penedo das Almoinhas apresenta uma descrição mais detalhada do afloramento e das gravuras existentes, com a reprodução das mesmas “...no local chamado do Canto da Almoinha, do lado direito da estrada de Pavia quando se segue da Almoinha para esta vila. O penedo tinha uma concavidade esférica virada para o lado do nascente, tendo a pedra sido aplanada para se fazerem pelo menos quatro animais, sendo o do lado direito acompanhado de um homem.



Fig.8.2.Reprodução dos animais. Cd.14



Fig.8.3.Reprodução da associação homem/animal. Cd.14

Este local já havia sido publicado por G. Zbyszewski (Zbyszewski *et al*, 1977) que apresenta um desenho mais completo das gravuras.

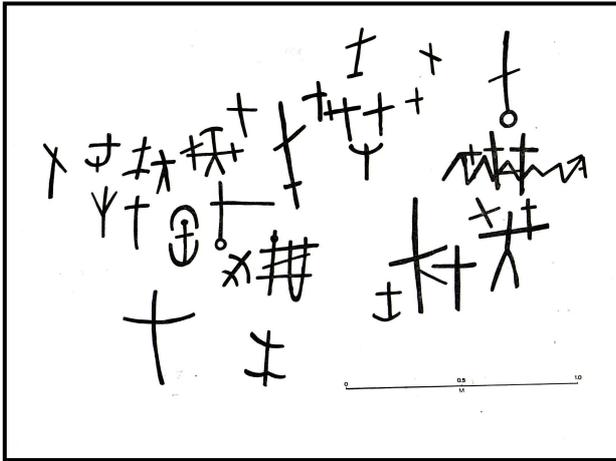


Fig.8.4.Gravuras das Almoínhas. Seg. Zbyszewski *et al*, 1977

Manuel Heleno regista quatro sítios como santuários: a Pedra da Chave dos Namorados, o Santuário das Pedras Furadas, o Santuário do Pego do Mourão e o Santuário das Rapozeiras. Trata-se, em todos os casos, de afloramentos graníticos que se destacam na paisagem pela sua forma e/ou dimensão.

Destes apenas me foi possível relocalizar um, o Santuário das Pedras Furadas. Trata-se de um conjunto de afloramentos que devido à erosão natural ficaram com reentrâncias, as quais constituíam excelentes abrigos naturais.



Fig.8.5. Santuário das Pedras Furadas

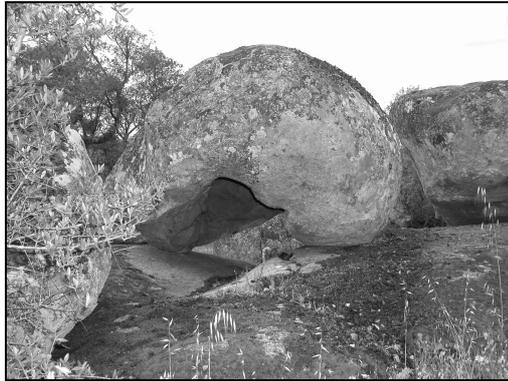


Fig.8.6. Santuário das Pedras Furadas

Em relação aos “Santuários” identificados e descritos por Manuel Heleno nesta área, mas também já anteriormente por V. Correia na área de Pavia (Correia, 1921), continuo a considerar que a sua funcionalidade como verdadeiros santuários não passa de uma hipótese, pelo menos no Neolítico médio/final. Estes grandes blocos de formas mais ou menos trabalhadas pela erosão natural foram, em algumas áreas aproveitados como abrigos/habitats (Calado e Rocha, 1996; Rocha, 1999; Calado, 2001 e 2004) enquadrados numa rede de povoamento aparentemente disperso.

De facto, não existindo até ao presente escavações com datações absolutas para este tipo de abrigos com ocupação pré-histórica, no Alentejo, a sua funcionalidade e cronologia continua em aberto. Tendo em conta os escassos materiais recolhidos na intervenção que V. Correia realizou num abrigo similar em Pavia “...encontré bajo el dosel de piedra, hasta más de un metro continuamente, restos de cocina. Junto a la tierra vegetal aparecieron una hacha de piedra, un percutor y algunos fragmentos de cerâmica grosera, semejantes a los que aparecen en las antas” (Correia, 1921:100-101) e os contextos arqueológicos a que aparecem associados, creio que estas tiveram este tipo de utilização a partir do Neolítico médio, a par da construção das primeiras sepulturas megalíticas.

Em períodos anteriores não terão certamente passado despercebidas às populações pré-históricas, mas a falta de dados arqueológicos leva-me a colocá-los antes como locais de referência na paisagem para os grupos de caçadores.

Manuel Heleno regista ainda um outro tipo de vestígios, os menires, referindo a existência de um dentro de um monumento megalítico, na anta dos Arneiros dos Pinhais

(Anta U, Cd.811 – Volume 2, Anexo 1, p. 58), cujo desenho se reproduziu mais acima devido à existência de gravuras e, dois menires isolados, um em S. Geraldo e outro na Aldeia de Bertiandos. Destes apenas foi possível relocalizar o primeiro que se encontra actualmente tombado ao lado da estrada, mas que Manuel Heleno refere como estando “a pino” (Cd. 18 – Volume 2, Anexo 1, p. 128).



Fig.8.7. Menir de S. Geraldo